

Líderes Empreendedoras do Pacífico Colombiano: Cultura, Identidade e Associativismo

Valéria Marques Tavares de Menezes Ettinger

Resumo

Este trabalho é o resultado de uma observação participante realizada na cidade de Guapi na Colômbia, como componente obrigatório da Residência Social¹. Inicialmente, o artigo constrói sua premissa teórica a partir da discussão sobre cultura e identidade, fazendo um *link* com a realidade dos povos do Pacífico colombiano por meio de suas histórias e modo de vida. No segundo momento, o artigo aborda a importância das mulheres afrodescendentes na formação da cultura e das tradições locais, promovendo um encontro com essa realidade a partir da história de vida de uma mulher líder, de uma mulher empreendedora e do processo organizacional de três coletivos de mulheres. Buscou-se, como caminho de construção, a revisão da literatura existente, para contribuir com o embasamento teórico a respeito dos temas cultura, identidade e história das comunidades afrodescendentes na Colômbia. Na obtenção dos dados, foi utilizado o método história de vida por meio de entrevistas com relato de experiência, transcrito em forma de narrativa, mesclado com o olhar do pesquisador.

Palavras-chave

Cultura. Identidade. Gênero. Liderança. Empreendedorismo. Associativismo.

Abstract

This work is the result of a participant observation conducted in the town of Guapi in Colombia, as a mandatory component of Social Residency Program. Initially, the article builds its theoretical premise on the discussion of culture and identity, establishing a link with the reality of the peoples of the Colombian Pacific through their stories and way of living. Secondly, the article discusses the importance of African descent women to the formation of culture and local traditions, promoting an encounter with this reality based on the life story of a female leader, on an enterprising woman and on the organizational process of three female collective groups. We reviewed

the existing literature in order to contribute to the theoretical basis of the themes culture, identity and history of Afro-descendant communities in Colombia. To obtain the data, we used the life story method through interviews with reporting experience, transcribed in narrative form, mixed with the researcher's perspective.

keywords Keywords Culture. Identity. Genre. Leadership. Entrepreneurship. Associations.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é o resultado da disciplina Residência Social do Mestrado Multidisciplinar e Profissionalizante em Desenvolvimento e Gestão Social. Trata-se de uma metodologia inovadora desenvolvida pelo CIAGS – Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social, que instaura uma nova relação entre universidade e comunidade, complementando a formação acadêmica do estudante com uma vivência prática intensiva. Tal atividade deve ser desenvolvida, prioritariamente, no exterior, em instituições cuja observação agregue conhecimento à dissertação do mestrando.

Para o desenvolvimento da atividade prática, foi firmada uma parceria com a Fundação ACUA – Activos Culturales Afro – para que essa instituição promovesse e acompanhasse a imersão da autora em atividades que tivessem correlação e afinidade com sua pesquisa.

A Fundação ACUA – Activos Culturales Africanos – uma entidade sem fins lucrativos, com sede em Bogotá – Colômbia, tem como missão: promover o empoderamento sustentável das comunidades afrodescendentes organizadas da América Latina, a partir da valorização e afirmação de suas culturas. Nessa perspectiva, a Fundação ACUA tem como finalidade fomentar o desenvolvimento das comunidades rurais e urbanas a partir da geração de renda e valorização da cultura de origem africana, por meio de intercâmbio de saberes, pelo reconhecimento social, institucional e acadêmico das tradições. Para consagração desse fim, a Fundação ACUA busca viabilizar estratégias de desenvolvimento dessas comunidades, por meio de melhorias de renda, acesso a direitos, bem como incentivando e promovendo a cultura, as tradições e as identidades afrodescendentes. (Disponível em: <<http://www.programaacua.org/page/sobre-acua>>. Acesso em: 22 maio 2013).

Dentro desse contexto, observa-se, no seio das comunidades afrodescendentes, a formação de organizações de mulheres que têm como objetivos fortalecer os vínculos comunitários e afetivos, desempenhar em conjunto as atividades produtivas e fomentar novos meios de aquisição de renda quando as atividades tradicionais (pesca, agricultura e artesanato) forem impróprias, em virtude das interferências climáticas. Vale ressaltar que as atividades tradicionais são legados familiares que foram passando de geração em geração, sendo um fator crucial para a manutenção do homem no seu território.

Para a obtenção dos dados, foi entrevistada uma mulher líder, uma mulher empreendedora e analisados empreendimentos coletivos de mulheres como: a Cooperativa de Mulheres Artesãs (Coopmulheres), a Rede Matamba e Guasan e a Fundação Chiyangua, todos com sede na cidade de Guapi.

No processo da observação participante, utilizou-se o método história de vida para poder entender a influência e participação das mulheres investigadas nas questões comunitárias. Os dados obtidos foram gravados e transcritos em forma de narrativas, dissertação e perguntas e respostas.

CULTURA E IDENTIDADE: A FORÇA DE AGREGAÇÃO DE UM POVO

O homem é o único ser possuidor de cultura e esta estabelece o seu modo de ser e de viver, tanto na perspectiva individual quanto social. Esse processo é construído a partir dos saberes, das crenças, das leis, da moral e dos costumes que vão sendo apreendidos pelo ser humano, conforme os laços e traçados que o vinculam no meio social em que vive (MORIN, 2011, p. 51). O homem diferencia-se dos primatas em virtude da sua cultura e, assim, realiza-se como ser biológico e social (MORIN, 2011, p. 47). Esse modo de ser e de viver do sujeito, enquanto ser social, será compartilhado com seus pares, sofrerá transformações decorrentes das misturas no processo de troca e ressignificar-se-á para se adaptar ao formato social vigente (LARAIA, 2011, p. 45).

A formação cultural de um povo não é, exclusivamente, fruto da sua mecânica evolutiva ou das influências hereditárias, ela constrói-se a partir de um interminável processo de acumulação por meio do contato e das trocas com culturas diversas, por isso que todos os sistemas culturais estão em contínuo processo de modificação. A cultura organiza e constrói o pilar de uma sociedade e também define os valores e os padrões de vida e das relações entre seus membros. Todo esse simbolismo estabelecido pelas crenças e pelos valores predominantes, “depende de um aprendizado e este consiste na cópia de padrões que fazem parte da herança cultural do grupo” e que serão responsáveis pela modelagem identitária do sujeito (LARAIA, 2011, p. 71).

Nessa trajetória, o homem assimila significados que se transformam em crenças e mitos e, por meio deles, o homem compreende-se como um ser coletivo, membro de um grupo, de uma comunidade ou de uma nação. Assim, o homem vai moldando a sua identidade individual e coletiva, pelas influências sociais, pelo convívio com seus pares, bem como por meio do reconhecimento do outro. O homem é um componente da sociedade, esta nasce para ele e ambos entrelaçam-se para construir a história dos seres e tecer suas relações na busca de uma convivência harmônica. “É a cultura e a sociedade que garantem a realização dos indivíduos, e são as interações entre indivíduos que permitem a perpetuação da cultura e a auto-organização da sociedade” (MORIN, 2011, p. 49).

Então, pode-se afirmar que identidade seria o resultado do reconhecimento que o indivíduo

faz de si mesmo e da experiência de um povo, os quais são compostos de diversos saberes, significados, entendimentos e interpretações, dando a conotação de uma multiplicidade de identidades, conforme expõe Castells (2012, p. 23):

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em uma visão de tempo/espaço.

Segundo Castells (2010, p. 22-23), a identidade pode ser reconhecida de duas maneiras: a primeira como fonte primária dos próprios atores, construída por meio de um processo de individuação; e a segunda, quando os atores internalizam a premissa identitária, influenciados por uma concepção dominante. Nesse segundo aspecto, a ideologia dominante torna-se o núcleo que constrói a compreensão do indivíduo sobre determinado fato, direcionando-o na condução do seu comportamento. Esse valor dominante vai impondo sua força, molda as diversas relações, sedimenta os seus estereótipos e estabelece um modo ideal de vida, que se torna natural e, por algum tempo, absoluto.

Quando o dominador se apossa do dominado, este vai perdendo a noção de sua própria condição, tornando-o vulnerável a aceitar e a submeter-se à representação imposta. E, no desenrolar desse processo, o dominado, que está deslocado do seu “eu” identitário, muitas vezes até do seu *locus* de pertencimento, sente-se perdido e, para sobreviver ou até para sentir-se real, credita a ideia do dominador (BHABHA, 2007, p. 73).

Por conta dessa confusão que se estabelece entre a identidade de origem e a identidade do dominador, este, para não perder o seu poder, intensifica um massacre ideológico contra o que não lhe é conveniente, na tentativa vã de cristalizar o seu fundamento e perpetuar a sua dominação. Porém, esse discurso hegemônico, em algum momento, dará margem aos focos de resistência, os quais promoverão uma ressignificação do discurso dominante (BHABHA, 2007, p. 120). Esses movimentos de oposição aos princípios impostos têm como objetivo o embate com o instituído, que Castells (2010, p. 24-25) chamou de:

Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/ condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo, opostos a estes últimos.

Essa identidade de resistência constitui a história dos negros que vivem na costa pacífica colombiana como processo de reconhecimento do seu território e de suas necessidades como comunidade afrodescendente. Por conta dessa história de luta e visibilidade, a Colômbia estabelece-se como um país multiétnico e assume compromissos legais para questões que

envolvem o desenvolvimento socioterritorial das comunidades negras.

La constitución política de 1991 reconoce a Colombia como país multiétnico; en su artículo transitorio No. 55, establece que a las comunidades negras de la Costa Pacífica se les reconocerá su territorio y se protegerán sus derechos económicos, sociales y culturales. Como resultado de ello, se dio un impulso importante a sus procesos organizativos, lo que permitió la concertación de la ley 70, ley con la cual se reglamentó el mencionado artículo constitucional (TAVARES, 2005, p. 53).

Pode-se afirmar que, em decorrência da história de resistência à discriminação e à opressão, a Constituição de 1991 reconhece e protege as comunidades negras, suas expressões culturais como a música, a dança e o artesanato, seus rituais mortuários, a medicina tradicional e seu modo de vida, o qual se sustenta no manejo e cultivo dos recursos da biodiversidade, por ser o território colombiano dotado de uma grande riqueza natural (INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN, 2006, v. 0, p. 12).

RESISTÊNCIA E LOCUS DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

Os negros chegaram à costa pacífica trazidos pelos espanhóis como mão de obra escrava, para explorar o território na extração de ouro e prata. Após o período de escravidão e os processos de libertação dos negros e emancipação do território, a população negra foi migrando e se fixando às margens dos rios e, ali, iniciaram um processo de povoamento da região pacífica por afrodescendentes.

Las numerosas proclamaciones de emancipación hechas por Bolívar entre 1816 y 1821 produjeron una serie de rebeliones de negros en varias partes de las tierras bajas. [...]; cuando las guerras terminaron, muchos de ellos se asentaron en los Valles del Cauca y Magdalena (INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN, 2006, v. 0, p. 163).

As comunidades do Pacífico possuem, na atualidade, 149 territórios, considerados afrodescendentes, sobre uma área de pouco mais de 5 milhões de hectares e, nesses territórios, vivem 1219 comunidades, que estão distribuídas na zona litorânea ou ribeirinha (INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN, 2006, v. 0, p. 11).

Com esse processo de povoamento das regiões ribeirinhas e de mangues, o rio e suas margens agrícolas tornaram-se o espaço de construção das identidades dessas comunidades, que, em quase sua totalidade, é constituída de afrodescendentes e mestiços, haja vista o processo de diminuição da população indígena pelas investidas exploratórias do colonizador (TAVARES, 2005, p. 164), conforme dados extraídos do perfil produtivo do município de Guapi, que aponta serem afrodescendentes 97% da população local, e os 3% restantes estão distribuídos entre indígenas (0,35%) e mestiços 2,65%, sendo que 60% da população está situada na cabeceira municipal e 40% na zona rural (MINISTERIO TRABAJO REPUBLICA DE COLOMBIA, 2013, p. 17-19).

As margens ribeirinhas são o *locus* de integração social, de subsistência, de trabalho e renda e de formação cultural dos povos da costa pacífica colombiana. É nesse espaço que eles constroem suas casas, criam seus filhos e se apropriam da fauna e da flora nativa, para garantir a segurança alimentar, crescimento econômico e desenvolvimento territorial.

Nesse contexto, encontram-se as comunidades que estão às margens do Rio Guapi e seus afluentes, as quais têm, na força das tradições, o sustentáculo econômico e social de seu povo. Hoje a região se mantém, economicamente, por meio da agricultura, da pesca, extração de mariscos, extração de ouro e prata, bem como da cultura, através da música, da gastronomia e do artesanato (INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN, 2006, v. 0, p. 15).

Para nosotros, los hombres y las mujeres negras pertenecientes a una comunidad y grupo étnico, el Territorio Región del Pacífico está constituido por nuestros rios, montes, esteros, fincas y veredas, así como por los conocimientos y las costumbres que tenemos para cuidar y utilizar cada espacio. El territorio también expresa las diferentes formas como nos organizamos para salir a pescar, hacer la minería, cazar, buscar madera en la montaña, sembrar y cosechar en las fincas. Nuestro territorio también está constituido por los saberes que tenemos de las plantas medicinales para curar los males del cuerpo y del alma [...] (INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN, 2006, p. 17 e 18).

Observa-se que, para manutenção dessas tradições sociais, econômicas e culturais, as mulheres têm exercido um papel fundamental, visto serem protagonistas das atividades ancestrais e tradicionais, bem como por ajudarem os homens nas funções que eles desempenham, decorrentes da produção, comercialização e uso dos produtos agrícolas e pesqueiros.

Reafirma-se, com o exposto, o processo de inclusão comunitária das mulheres e sua importância nos processos produtivos e seus desdobramentos nas comunidades negras colombianas.

MULHERES DO PACÍFICO E O RESGATE DAS TRADIÇÕES ANCESTRAIS

As Mulheres do Pacífico Colombiano também construíram sua trajetória com base nas tradições da vida em comunidade, na preservação dos costumes ancestrais e no uso da biodiversidade como *locus* de sobrevivência, bem como são participantes ativas no processo de manutenção dos saberes, por meio dos ensinamentos e experiências com os seus descendentes.

Nessa trajetória de valorização das comunidades tradicionais e de seus costumes, a legislação colombiana define como conhecimento ancestral aquele:

[...] asociado a la biodiversidad como los conocimientos, innovaciones y prácticas de las comunidades indígenas y locales que tienen estilos de vida pertinentes para la conservación y utilización sostenible de la biodiversidad, en concordancia con el Convenio sobre Diversidad Biológica (INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN, 2006, v. 1. p. 28).

E assim, as comunidades vão traçando o seu modo de viver preservando as suas tradições, mantendo suas identidades culturais e perpetuando seus valores comunitários.

La ancestralidad es entendida con el conjunto de conocimientos, saberes, sentires y formas propias de las comunidades que ha sido transmitido de generación en generación y que, a su vez, es el resultado de un proceso constante y permanente de construcción y reconstrucción cultural y de enriquecimiento y adaptación, que tuvo como punto de partida los conocimientos y experiencias de nuestros ancestros traídos de África y que conjuntamente con los elementos adquiridos con el contacto con los europeos e indígenas logró desarrollarse en cada uno de los espacios en los que se establecieron las comunidades negras. La ancestralidad está determinada por la posibilidad de tener clara la importancia de nuestros ancestros, de nuestros abuelos, bisabuelos y tatarabuelos que, a partir de sus posibilidades y condiciones, construyeron nuestras sociedades, dejándonos un rico legado social, económico, cultural y religioso que hoy nos permite identificarnos como comunidades negras (INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN, 2006, v. 1, p. 17-18).

Vale ressaltar que o conhecimento ancestral é extraído da memória viva das comunidades, as quais o transmitem pelos ensinamentos e experiências dos seus pais, parentes e das escolas, estando as mulheres numa situação de destaque, por serem investidoras diretas da agregação familiar, a qual, nas comunidades tradicionais, depende, prioritariamente, da manutenção do homem no seu território. Para tanto, é necessário que esse território esteja apto ao seu contínuo manejo e uso, que só ocorrerá se houver a transmissão e a perpetuação das tradições (INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN, 2006, v. 1, p. 34).

Dessa forma, a proteção das tradições ancestrais faz-se necessária para: preservar a integridade da vida e da cultura das comunidades, fomentar o interesse dos jovens no engajamento das atividades delas decorrentes, evitar o uso indevido do território e dos seus bens naturais, como proteção do planeta e das gerações futuras, e garantir que as comunidades se beneficiem de maneira adequada e equitativa do seu território (INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN, 2006, v. 1, p. 34).

Nessa perspectiva, as mulheres negras do pacífico colombiano têm demonstrado um forte engajamento no resgate e preservação das tradições ancestrais, com o fim de melhorar as condições de vida de suas famílias e desenvolver economicamente o seu território. Salientamos que essa adesão à causa ancestral tem gerado um sentimento de coletividade e tem ampliado o grau de empoderamento dessas mulheres.

A FORÇA DA MULHER GUAPIRENHA: LIDERANÇA, EMPREENDEDORISMO E ASSOCIATIVISMO

No presente item, será relatada a trajetória de uma mulher líder, a história de uma mulher empreendedora e sua atividade produtiva e algumas experiências associativas na região de Guapi.

Na escolha dos grupos e das mulheres observadas e entrevistadas, a pesquisadora levou em consideração a relação primária dos escolhidos, ou seja, se o vínculo produtivo que desempenhavam estava relacionado à atividade de cunho tradicional na região, bem como se o desenvolvimento do mister tinha como premissa, direta ou indireta, a manutenção e progressão das tradições ancestrais. Vale ressaltar que as mulheres entrevistadas foram escolhidas pelo grau de influência social que exercem e por causa da atividade produtiva que desempenham.

Mulheres que lideram

Teofila Bettancourt é a terceira filha de uma família de 5 filhos. Nasceu na zona rural de Guapi e, com 12 anos, foi viver na cidade por causa da separação dos pais. Apesar de morar na cidade, considera-se uma mulher rural e, por conta desse sentimento, iniciou o seu trabalho como líder comunitária há quase 20 anos. Antes de começar seu trabalho com as mulheres, trabalhou em casa de família, sofreu discriminação racial e violência doméstica, mas não deixou que as marcas da dor e do desprezo a endurecessem e a impedissem de progredir. Segundo Teofila, ela somente foi vítima de violência doméstica, porque não tinha consciência dos seus direitos.

O que sabia é que ele me batia quando quisesse me bater pegar, pensava que teria que me castigar, porque ele tinha razão, porque eu havia cometido algum erro. Eu vivia trancada, lavando, cozinhando, passando e ele na rua. Apesar de ser muito trabalhador, ficava na cidade com mulheres, bebendo e jogando e, quando chegava, me pegava com golpes, um processo horrível (TEOFILA).²

A separação do seu segundo companheiro “a tornou mais forte e mais consciente para orientar as mulheres a se valorizarem a se estimarem e a entenderem que elas são capazes de definir o caminho a seguir sem maus tratos” (TEOFILA).

A trajetória de liderança de Teofila iniciou-se com as mulheres feirantes no gerenciamento da compra e venda de produtos agrícolas e na distribuição dos lucros. No exercício dessa função, Teofila criou um mecanismo de formação de capital de giro com aportes mensais depositados na poupança e com a renda obtida ela ajudava as mulheres na aquisição de novos produtos. Em face dessa organização informal muitas feirantes adquiriram autonomia financeira e em razão disso não precisavam mais da ajuda de seus pais ou maridos. É o início da primeira organização de mulheres de Guapi.

Por conta da campanha exitosa com as mulheres feirantes, Teofila é indicada por elas para se tornar *madre* comunitária através do serviço de bem-estar social do Governo colombiano. Nesse trabalho, recebia a quantia de \$12000 pesos por mês para poder cuidar das crianças que ficavam sob os seus cuidados enquanto as mães trabalhavam. Enquanto cuidava dos infantes, Teofila criou uma associação para discutir sobre os direitos trabalhistas das mães comunitárias com o intuito de reivindicar melhores condições de trabalho.

Em decorrência de sua expressiva atuação coletiva, Teofila foi convidada para um encontro

de mulheres africanas, promovido pela Universidade de Cartagena no ano de 1991. Nesse evento, as representantes de cada região teriam que falar sobre a situação das mulheres de sua cidade pelo tempo de 30 minutos. Assustou-se, porque nunca tinha falado para um público tão grande e, à época, muito pouco ela sabia sobre os direitos das mulheres. Não titubeou e foi ouvida por 600 mulheres.

Após o encontro, a vida de Teofila passa a ter novo sentido, pois assumiu um compromisso de “conhecer-se como mulher e como mulher afrodescendente, de não se permitir ser mais violentada e de poder fazer alguma coisa para ajudar outras mulheres nas questões de direitos e reivindicação de gênero” (TEOFILA).

O processo coletivo foi fundamental para que enxergasse novas possibilidades para si e para a vida de outras mulheres, principalmente, as mulheres rurais, por serem mais carentes de informação e acesso. A partir dessa tomada de consciência, surge a oportunidade de criar um coletivo de mulheres negras para que, reunidas, pudessem conhecer, discutir e reivindicar direitos.

O que Significa o Coletivo de Mulheres para Teofila Mulher Rural e para Teofila Mulher Líder?

Como mulher rural, deixou de ser submissa para ser uma mulher com comportamentos definidos e claros, que sabe o que quer e que sabe o que vai buscar e conseguir. E essa mudança também se estendeu a sua família, filhas e netas. As pessoas que a conheceram, antes, sabem o quanto ela mudou.

Como líder, é dotada de muita insistência e gosta de lutar e atravessar as barreiras, além de viver em uma constante busca por conhecimento e melhorias e ter muita fé de que pode fazer algo de bom para as mulheres e para sua comunidade.

Uma Frase ou Palavra que Define seu Trabalho?

O trabalho compreende gerar mudanças e resgatar as tradições, as quais estarão em constante mutação, pois as debilidades do passado são fortalezas no presente.

Observação Participante

Verifica-se que a trajetória de Teofila é marcada por um processo de ressignificação de sua identidade quando ela se percebe como mulher dotada de direitos e capaz de assumir a rédea de sua vida. Essa mudança constitui-se através da tomada de consciência que o coletivo de mulheres lhe proporcionou, pois, no momento em que sentiu a força da unidade feminina, vislumbrou ser capaz de enfrentar as dificuldades emocionais e financeiras que possuía, florescendo e assumindo sua habilidade de liderança.

Teofila é uma líder estruturante por ter sido a base de formação, organização, sustentação ideológica e administrativa da Fundação Chiyangua. Ela enquadra-se, também, no tipo de líder empreendedora, por conta de sua capacidade de mobilização, aceitação e transformação do grupo e dos seus processos individuais e coletivos. Teofila não mede esforços para encorajar as mulheres que a fundação apoia, com o fim de ampliar seus horizontes, aumentar a autoestima e suas capacidades de combate e de reivindicação.

MULHERES EMPREENDEDORAS

ESPERANZA CUERO

Esperanza é casada, tem 4 filhos, 2 netos e mora em Guapi. É proprietária da Sobrecocos, uma fábrica artesanal e familiar de cocadas.

Esperanza começou a trabalhar no ramo de fabricação e venda de cocadas, há 18 anos, com o intuito de melhorar a renda familiar, pois os rendimentos de seu esposo não eram suficientes para suprir todas as necessidades de sua família.

A produção e comercialização das cocadas, em princípio, eram realizadas por Esperanza, pois a demanda era pequena, o que não atrapalhava suas funções de mãe, dona de casa, esposa e trabalhadora. Todavia, com o aumento das vendas, necessitou de ajuda para ampliar sua produção; foi quando o seu marido assumiu a atividade. Com a ajuda do seu esposo, a produção de cocada deixou de ser amadora, tornando-se a atividade principal de toda a família. Nasce a Sobrecocos, empresa familiar especializada em fabricação de cocadas.

No início, a fabricação das cocadas era voltada para as demandas locais, mas, com a crescente aceitação no mercado, Esperanza ampliou a produção, passando a comercializar o produto em outras comunidades. Com a ampliação das vendas, ocorreu a necessidade de melhorar a apresentação das cocadas, inclusive com o intuito de atender questões ambientais e sanitárias, por isso, tiveram a ideia de oferecer as cocadas nas conchas do coco. Isso foi muito importante para o seu negócio, pois Esperanza entende que o produto deve ter uma apresentação adequada para que o cliente se interesse por ele.

A Sobrecocos funciona como uma associação que tem como membros: ela, o seu marido e mais 16 pessoas, as quais são chamadas para trabalhar conforme a capacidade produtiva. Os associados recebem um valor fixo por dia de trabalho mais alimentação e todos possuem vínculos diretos com a empresa. Para Esperanza, essa forma de associativismo é eficaz, porque as pessoas trabalham e sabem que vão ser remuneradas.

A comercialização do produto é feita por Esperanza, que tem um ponto de venda no aeroporto de Guapi. Nas demais localidades – Cali, Popayan e Guadalajara de Buga – as cocadas são distribuídas por seu filho.

Dificuldades

Sua maior dificuldade é a compra da matéria prima para a fabricação das cocadas, pois não existe uma produção regular e equilibrada de coco na região, fator que interfere na produção. Em virtude dessa debilidade, tem interesse em criar uma fidelização produtiva para compra dos cocos, sendo interessante o apoio de algum grupo de produtores nas comunidades de Guapi. Esperanza pensa em apoiar um grupo de mulheres produtoras da comunidade de Quiroga, chamado de Flor del Coco. É um ciclo de solidariedade, pois o processo produtivo da Sobrecocos fortalece economicamente a cadeia produtiva do coco, propiciando uma maior produção das cocadas e a ampliação de sua oferta no mercado, além de gerar novos postos de trabalho.

Outra dificuldade é o posto de produção, que está localizado em sua residência, em um espaço pequeno, dificultando uma maior produtividade. No momento, necessita de recursos financeiros para ampliação da sua fábrica.

O que esperança tem que a transformou em uma mulher empreendedora e vitoriosa?

Ela disse que está no ramo de trabalho há 18 anos e que já passou por muitas coisas, porém jamais desistiu. “Eu saía de casa com as cocadas de coco, feliz da vida e sabia que o pouco que iria ganhar ajudaria na comida da casa ou, se já tivéssemos o dinheiro da comida, serviria para o estudo dos meus filhos ou na melhoria da nossa casa” (ESPERANZA).

Segundo ela, as pessoas querem realizar as coisas e, por falta de dinheiro ou por pensar sempre no êxito, desistem. “Nesse caminho, pode acontecer que venda bem ou não. E, no mundo do negócio, não pode pensar sempre em êxito e não pode desistir por ausência de êxito”. Para ela, os momentos de baixa não a desanimam e não a fazem recuar, pois, se tem fé em Deus, essa persevera. “As pessoas sabem das coisas, mas não acreditam que elas podem dar certo”.

Quando ela começou, não pensou na ideia de ter dinheiro ou quanto iria ganhar; pensou em uma atividade que poderia ajudá-la a melhorar de vida, ajudar na educação dos filhos e ter uma boa casa para morar.

Outra questão, diz Esperanza, é ter muita vontade e amor pelo que faz. “Eu penso que estas atividades, é como se ter um filho, pois esse não sabe que vai ficar doente, que vai ter dificuldade para andar ou para aprender e os pais não se acomodam e vão buscando soluções para todo o problema, pacientemente”.

Como se sente Esperanza mulher trabalhadora?

Depois do trabalho, sente-se bem como mulher e, por isso, esse trabalho não pode faltar. Sente-se importante e forte e o trabalho fortalece a sua capacidade e o poder de decidir

sobre sua vida. “Fazer isso tem sido muito bom para mim, por tudo que vem acontecendo em minha vida e pelas pessoas que tenho conhecido. Não quero que acabe nunca essa atividade”.

O que Esperanza tem que a torna uma mulher empreendedora?

É uma mulher empreendedora, porque está sempre se renovando, tem vontade e força para trabalhar e gosta do que faz e não desiste diante das dificuldades.

Observação participante

O território guapirenho é dotado de muitas possibilidades econômicas, que estão relacionadas à cultura e às tradições. Na análise dessa experiência empreendedora, verifica-se um forte apelo à tradição gastronômica, proveniente de aprendizados ancestrais, os quais estão, diretamente, ligados aos componentes da fauna e da flora local.

Nessa perspectiva, o produto oferecido por essa mulher é de forte apelo comercial e social e carrega um fator de expansão e conhecimento das tradições locais, os quais podem atrair pessoas para a região. No entanto, verifica-se uma fragilidade financeira, o que reduz a produção do produto e sua comercialização.

Um ponto positivo encontrado na história é que essa mulher, mesmo com tantas dificuldades, não desistiu de continuar em sua atividade e foi a impulsionadora do processo produtivo, o que reafirma a mulher do Pacífico como uma força de realização, manutenção e expansão das tradições locais.

Verifica-se, ainda, que o trabalho que desempenha não é dotado de um centralismo econômico, pois está atrelado a outras cadeias produtivas regionais, as quais estão associadas à atividade agrícola. Isto denota a importância do fortalecimento da atividade dessa mulher, pois, à medida que ela cresce e expande sua atividade, outros produtores serão beneficiados, garantindo, assim, o desenvolvimento socioeconômico local.

EXPERIÊNCIAS ASSOCIATIVAS

FUNDACIÓN CHIYANGUA

A Fundação Chiyangua é uma organização que se dedica ao cultivo e comercialização de plantas aromáticas, medicinais e condimentarias. A Fundação está situada no município de Guapi e tem por objetivo desenvolver um trabalho focalizado na preservação dos recursos naturais, no resgate das práticas de produção tradicional e na preservação do meio ambiente, bem como na reivindicação étnica e de posicionamento de gênero. (Disponível em: <<http://www.programaacua.org/page/sobre-acua>>. Acesso em: 22 maio 2013).

Seu embrião foi germinado com o primeiro encontro de mulheres negras, rurais e urbanas, da costa do Pacífico, incluindo os departamentos de Nariño, Cauca, Vale de Cauca e Chocó. Todavia, segundo Teofila, não conseguiram avançar em uma proposta política de rede de mulheres negras, por conta das dificuldades e amarras imposta pelas mulheres de Boaventura. Nessa ocasião, ela retirou-se da organização e, com dois companheiros, criou a Fundação Chiyangua em 1994.

Por que uma Fundação para Trabalhar com o Cultivo de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentarias?

Por perceber que não se tinha mais na região de Guapi a abundância de produtos agrícolas como no passado, então, havia uma forte necessidade de recuperar as práticas tradicionais de plantio no campo, para subsistência familiar e para avançar em um processo de comercialização dos produtos.

eu nasci e cresci em um ambiente de abundância, pois, quando saía de casa, não me preocupava se, quando voltasse, teria ou não o que comer, visto que ao redor de minha casa tinha frutas e, com isso, vivia feliz, pois tinha tudo (TEOFILA).

Por que as Práticas Tradicionais Estavam se Perdendo?

Por conta de alguns fatores:

- O êxodo rural provocado pela busca de melhores condições de vida e, hoje, também, por conta do conflito armado;
- Diminuição do plantio e colheita extrativista sem manejos sustentáveis;
- Por conta de uma política inadequada de monocultura que quebrou todo um ciclo de vida policultural, pois o homem e a mulher do Pacífico, tradicionalmente, podiam pescar, cultivar, caçar, dependendo do clima e das condições naturais. Esse projeto governamental influenciou o homem rural a manter-se no cultivo de um único produto, como exemplo: plantar a palma africana que produz um “fruto que não se come”. No entanto, não deu capacitação e nem condições para os camponeses transformarem o produto. E, atualmente, a palma está sem utilidade nenhuma;
- A perda das práticas tradicionais e solidárias para a produção. Os agricultores não trabalhavam mais em um sistema de solidariedade, de mutirão; todos contribuíam para o plantio e colheita do outro. Muitos, agora, querem ser remunerados pelo trabalho e os camponeses não têm como pagar;
- E os efeitos decorrentes da degradação ambiental: os rios secando, os animais migrando e o clima alterando.

O que Foi Feito?

A partir dessas constatações, as reuniões da Fundação foram pautadas na busca de soluções para essas mudanças, na tentativa de encontrar alternativas de melhoria das condições ambientais e na vida das mulheres. O foco principal da Fundação era retomar as práticas tradicionais desenvolvidas pelas mulheres que tivessem uma correlação com o modo de vida dos seus ancestrais. Nessa perspectiva, vislumbrou-se a possibilidade de intensificar o cultivo das plantas aromáticas, medicinais e condimentarias, no sistema de pátio e *azoteas*³.

No passado, essas práticas tinham um significado importantíssimo, porque eram exercidas por mulheres de grande sabedoria nas comunidades, como as remedeiras e parteiras, pois eram dotadas dos conhecimentos ancestrais. Para a realização dessa atividade, as mulheres reuniam-se para preparar o terreno, para plantar, para recolher as sementes, para troca de remédios e, assim, era estabelecida a segurança alimentar e de saúde das famílias. Primeiro, porque não havia a necessidade de compra de produtos. Além disso, tinha-se à disposição uma farmácia natural, pois com o cultivo de plantas medicinais mantinha a tradição das práticas da medicina natural, o que não ocorre nos dias de hoje, pois as pessoas nas comunidades preferem os remédios alopáticos aos fitoterápicos.

Como Começaram?

A Fundação iniciou as atividades para trabalhar com 4 comunidades, ampliando-se, posteriormente, para 11. Em menos de dois anos, 180 mulheres retomaram suas atividades. E, com isso, foram plantando para o seu consumo alimentar. Atualmente, depois de 18 anos de trajetória, a Fundação agremia 105 famílias, das quais 25% têm mulheres como chefes de família, distribuídas em toda a costa do Pacífico colombiano.

A Fundação, além de incentivar o plantio em *azotea* nas comunidades, promoveu um trabalho de recuperação das plantas nas escolas da cidade de Guapi, as quais possuem seus próprios viveiros.

Como Desenvolvem o Trabalho?

Por meio de incentivo de instituições de fomento, como a Fundação ACUA.

Onde Querem Chegar?

Nessas idas e vindas, uma questão que se faz visível é a autonomia e o empoderamento das mulheres, porém, na questão econômica, ainda, são muito vulneráveis. Mas não querem ficar dependentes de apoios financeiros das instituições, querem garantir sua própria sustentabilidade.

Queremos ser gestoras de nossa própria economia e, por isso, queremos

fortalecer nossas atividades produtivas tradicionais pensando na segurança alimentar e, ainda, reativarmos a economia local. Pois, se ao menos não puderem vender os produtos para fora, elas poderão produzir o suficiente para o município que vivem. E, assim, todos os Guapirenhos podem comer, vender, trocar, “pois vivemos em uma região de abundância e precisamos pensar nessa abundância”. Estamos seguras de que temos que construir meios para vender nosso produto para fora, pois é uma demanda nacional, porém, nosso maior interesse agora é fortalecer a segurança alimentar do município e reativar a economia local. Nesse primeiro momento, temos que pensar nos recursos que estamos trazendo para nossas famílias, gerando emprego para montar os viveiros e etc. (TEOFILA).

Qual a Força da Fundação Chiyangua?

A Fundação é uma organização *madre* que ajuda as mulheres nos seus empreendimentos coletivos, inclusive influenciando grupos de mulheres de outras cadeias produtivas a se firmarem enquanto coletivo.

COOPERATIVA DE MULHERES PRODUTIVAS DE GUAPI - COOPMUJERES

A cooperativa existe há 21 anos e sua constituição nasce de uma necessidade das mulheres produtivas de Guapi (modistas, pescadoras, fritadeiras, mães comunitárias, artesãs de diversos grupos e professoras) em se unirem para tratar de assuntos relacionados às suas atividades produtivas e às condições de ser mulher, afrodescendente, do Pacífico colombiano.

A cooperativa firmou-se como um espaço de apoio e desenvolvimento econômico de mulheres artesãs, modistas e doceiras, tendo no artesanato sua maior força de trabalho e visibilidade.

Inicialmente, a cooperativa tinha como objetivo desenvolver, economicamente, as mulheres cooperadas em suas atividades produtivas, mas, ao longo do tempo, perceberam a necessidade de ampliar seus objetivos para proporcionar a essas mulheres conhecimentos em direitos humanos e sociais. Esta proposta vislumbrou o fortalecimento dessas mulheres no enfrentamento das suas carências financeiras e do machismo dos seus homens. Para esse fim, estão implantando uma escola de formação política para mulheres, que promoverá capacitações em direitos e preparará as mulheres da cidade para serem facilitadoras nas comunidades.

[...] todas buscamos la integración y la solución a problemas sociales y de género, mejorar la calidad de vida, superarnos para adquirir conocimientos, autonomía e independencia y valorar nuestra identidad cultural (FOLDER COOPMUJERES, 2012).

A Coopmujeres possui 65 mulheres cooperadas, entre artesãs e modistas. Do plantio à comercialização, participam 85 famílias e, na parte da plantação e transformação em

matéria prima, participam os indígenas, com os quais têm uma relação de aproximação e solidariedade.

A estrutura administrativa da cooperativa é composta de: uma contadora (externa), uma secretaria, uma tesoureira e uma presidente de honra, a qual faz o papel de representação jurídica e social da cooperativa e é assessorada administrativamente por outras mulheres. Na parte agrícola, tem também o apoio de mulheres de Tibiqui e Nariño.

Na parte financeira, a cooperativa necessita do apoio de instituições de fomento, pois seus ingressos não são suficientes para todas as necessidades e projetos do grupo. No início, os projetos de desenvolvimento da cooperativa eram financiados por instituições de apoio de Cali. Posteriormente, outros investidores foram incorporados, em razão da projeção e visibilidade alcançada pela cooperativa na Colômbia. Em 2004, tiveram um projeto financiado pelo Ministério da Indústria e Comércio e, em 2005, obtiveram recursos do Ecofundo para um projeto de “plano de manejo em atividades artesanais”, que era, praticamente, uma extensão do anterior. Tem também o apoio da Fundação ACUA.

No processo produtivo, a cooperativa desenvolveu atividades de capacitação das mulheres e, à medida que estavam preparadas para exercer sozinhas o seu ofício, elas passaram a produzir, individualmente, em suas casas. Só produzem juntas, na cooperativa, quando recebem uma encomenda significativa.

Todas as cooperadas fazem o artesanato, mas cada uma tem sua especialidade. Na formação da matéria prima, participam os indígenas, que fazem a transformação das plantas para serem usadas pelas artesãs. Toda matéria prima é natural, proveniente de plantas regionais. Para melhorar a qualidade do produto, estão trabalhando estratégias na cadeia produtiva da semente, passando pela matéria prima até a produção e comercialização.

En el trabajo artesanal, utilizamos técnicas y materiales tradicionales y principalmente la paja tetera; creamos nuevos tejidos, trenzados y colores, realizamos bolsas, centros de mesas, individuales, sombreros etcétera, aprovechando otras fibras como la jicrilla, el chocolatillo, la matamba, el amargo y la damagua para que se conozca en el mundo nuestra cultura y forma de vida (FOLDER COOPMUJERES).

A meta de trabalho ocorre conforme as vendas, os pedidos de clientes ou quando participam de feiras. Mas, no dia a dia, cada artesã entrega seu produto conforme seu trabalho individual e será remunerada pela venda dos mesmos. E cada cooperada subsidia a cooperativa com um aporte mensal de 20.000 pesos.

Metas

Estão no processo de capacitar as jovens para dar continuidade ao trabalho das mães, bem como assumirem o gerenciamento da cooperativa “que, como mulheres, estão apenas começando, pois ainda falta muito a fazer” (SILVERIA).

Manter as ações de fortalecimento das mulheres, principalmente, das chefes de família, por meio de capacitações e apoio socioafetivo.

Fraquezas

Que o fato das mulheres não terem um vínculo empregatício seria um fator de acomodação do trabalho delas, mas, ao mesmo tempo, pode ser uma fortaleza, porque as mulheres têm uma liberdade no seu processo laboral.

Dificuldades de aquisição da matéria prima, pois o transporte encarece o produto e, como o artesanato não é produzido em grande escala, torna o produto mais caro e, se elas derem o valor real do produto, não conseguem vendê-lo.

Fortaleza

Possuem uma sede que foi adquirida com recursos próprios.

Os vínculos de unidade e solidariedade, pois todas as mulheres cooperadas estão sempre alertas à vida uma das outras.

O reconhecimento do trabalho das mulheres pela sociedade de Guapi.

E a importância dos seus produtos, pois além do valor econômico, caracterizam-se por um valor simbólico que representa a cultura local e a proteção ambiental.

A Importância da Cooperativa na Vida das Mulheres de Guapi

A cooperativa tem uma importância muito grande na formação e empoderamento das mulheres cooperadas, pois elas venceram as barreiras da indiferença social e das proibições maritais. Quando começaram, os esposos reclamavam, porque estavam saindo, porque não estavam cuidando dos filhos, questionavam o que estavam fazendo, reclamavam, porque elas não estavam fazendo a comida.

Nós mulheres cooperadas demos um voo muito alto. Uma mudança muito grande com as relações familiares, esposo, filhos e com a sociedade. Se hoje fôssemos analisá-las, diria: “Essa não sou eu”. A cooperativa ajudou-me a superar a morte do meu companheiro quando minha filha tinha 8 meses. A cooperativa salvou-me de uma depressão, tirou-me da tristeza (SILVERIA).

Esses processos de mudança estão ocorrendo, porque as mulheres capacitadas, que conhecem seus direitos, não agem e nem pensam como antes, despertaram, reconheceram-se como mulheres e, com essa nova mentalidade, promoveram um novo olhar da sociedade e dos seus familiares para elas e para o seu ofício.

Os homens, que antes não acreditavam na cooperativa e que reclamavam das mulheres, hoje são os grandes apoiadores. Essa aceitação foi se construindo através de estratégias de acolhimento, pois a cooperativa sempre promoveu atividades ou ações que pudessem incluir os homens, principalmente, nas datas comemorativas.

O trabalho coletivo foi muito importante para a mudança de comportamento das mulheres cooperadas, tanto na questão produtiva quanto na questão de conhecimentos e formação e, sem dúvida, as mulheres em Guapi tornaram-se importantes no processo de desenvolvimento do território.

Pode-se afirmar que a experiência cooperativa promoveu mudanças significativas na vida dessas mulheres e de suas famílias.

Desafios

Os processos organizativos são custosos, porque são dotados de muitos desafios, responsabilidades e compromissos. Não é um mecanismo fácil de administrar, mas seus resultados são satisfatórios. O grande desafio da cooperativa é manter o elo de ligação entre as cooperadas, pois, sem união e sem aderência aos seus objetivos, será muito difícil superar todas as dificuldades.

REDE MATAMBA E GUASAN

Com o avanço das plantações em *azotea*, o exitoso processo de identificação coletiva das mulheres nas comunidades e a maturidade do grupo que compunha a Fundação Chyangua, as mulheres resolveram ir além, através da constituição de uma Rede de Mulheres.

O processo de formação e agremiação da rede iniciou-se nas comunidades do rio, próximas do mar e perto das cidades. O interesse era unir mulheres africanas da costa pacífica, por serem majoritariamente africanas, ribeirinhas e do Pacífico.

Ultrapassadas as barreiras da desconfiança, garantindo a adesão das mulheres, o próximo passo foi pensar a estrutura da Rede, seus objetivos, sua missão, e discutir os pontos de convergência e divergência das mulheres associadas. Para tanto, uniram-se em uma assembleia, em agosto de 1997, na cidade de Guapi.

Desta primeira assembleia, participaram 250 mulheres de Nariño, Guapi, Tibiqui e Lopes. Durante 5 dias, falaram de mulheres, pensaram sobre mulheres, discutiram temas de direitos humanos e questões produtivas do Pacífico e inferiram sobre a incidência das mulheres africanas do Pacífico nos processos de desenvolvimento socioterritorial em suas comunidades. No final da reunião, firmaram um compromisso e elaboraram um plano de ação.

Na segunda assembleia, realizada 1 ano ou 2 anos depois em Tibiqui, o grupo estabeleceu a organização administrativa da rede e o seu nome. Muitos nomes surgiram, mas o escolhido

foi Rede de Mulheres Matamba e Guasan. Matamba, porque tem um sentido de fortaleza, sendo um produto muito resistente ao sol e à água e por ser a base de sustentação do processo produtivo do artesanato, ou seja, sua matéria-prima. Guasan é um instrumento musical que, quando produz som, todos se voltam a ele, o que dá um sentido de convocação. Então, o nome da Rede se traduz como FORÇA e CONVOCATÓRIA das mulheres do Pacífico colombiano.

A Rede é composta de uma coordenadora geral, uma coordenadora de grupo, uma dinamizadora, que pode ser a representante legal da comunidade ou pode ser também de outra organização, uma conciliadora, para resolver os conflitos, uma tesoureira e uma secretaria.

Cada rio tem uma coordenadora que recolhe as informações e as dificuldades dos grupos visitados, para serem socializadas e discutidas nas reuniões. A dinamizadora leva a informação à coordenadora geral, que vai retroalimentando as informações para que as ações sejam realizadas e ativadas. As outras integrantes trabalham nas questões gerais da Rede.

A Rede não é formada de escalões e funções tradicionais, possui uma organização mais autônoma e participativa, pois todas integrantes podem se manifestar, opinar, debater, para que ao fim decidam de forma única e conjunta.

Já tiveram um programa de rádio para discutir temas específicos sobre mulheres, todavia, em virtude do fechamento da emissora, não o fazem mais. Também, em face das dificuldades de deslocamento e dos poucos recursos, os informativos mais importantes eram gravados e encaminhados a cada comunidade para serem ouvidos pelas mulheres, as quais poderiam, após a escuta, enviar sugestões, críticas, perguntas e opiniões sobre o conteúdo das gravações. Não utilizam mais esse método de comunicação, mas pretendem retomá-lo, pois perceberam que é um mecanismo muito útil e eficiente para comunicação da Rede.

A Rede é composta por 84 grupos, praticamente um grupo por comunidade. É possível mais de um grupo por comunidade, mas o certo é um, para facilitar os processos de comunicação e discussão. Na cidade de Guapi, participa da Rede a Fundação Chiyangua e, em Tibiqui, possuem um grupo de apoio.

Apesar de todas as dificuldades, a Rede nasceu com força e, em todas as questões e discussões de interesses sociais, educacionais e políticos na região, a Rede tem tido uma participação importante, como a criação do conselho comunitário da Costa do Pacífico para proteção das comunidades afrodescendentes.

Também é visível a mudança de pensamento e comportamento das mulheres da Costa do Pacífico, pois elas têm demonstrado que estão cada dia mais organizadas, desejando avançar nas discussões de gênero, de se capacitarem, de crescerem e de serem autônomas.

As mulheres que hoje estão falando, participando, no passado, eram mulheres submissas, permissivas, sem capacidade de propor nada. Mulheres que não conheciam a cidade, que tinham um nível de educação muito baixo e, hoje, a maioria terminou ou está terminando o primário ou indo além da formação básica. Muitas delas ficam dois dias na cidade, deixam seus filhos na comunidade para

terminar os estudos e estão fazendo isso, porque seu nível de autoestima cresceu e elas se gostam mais, se respeitam mais e estão buscando sua melhoria (TEOFILA).

É notório o interesse associativo das mulheres do Pacífico que não estão organizadas, como se a experiência das outras estivesse servindo de exemplo ou como se uma força interna estivesse emergindo e impulsionando-as a se unirem.

Outro fator que se observa é a mudança de comportamento dos homens e das famílias para as questões relativas às mulheres. Os homens estão mais compreensivos, mais solícitos e respeitosos, pois “a mulher está sendo vista como uma sócia importante nas questões familiares e comunitárias” (TEOFILA).

Vale ressaltar que as mudanças ocorreram a partir da tomada de consciência dessas mulheres, por um processo interno, e a força associativa foi preponderante nesse processo.

Quando começamos, muitas dessas mulheres retornavam das capacitações para suas casas e eram violentadas. Agora, os homens passaram a fazer parte do processo organizativo e outros que não violentavam suas mulheres, como o senhor de Quiroga, hoje estão juntos, com todo o entusiasmo possível. Muitos que eram agressores, hoje estão apoiando suas mulheres e permitindo que as mulheres participem das capacitações. No processo de *azotea*, isso é muito comum, pois os homens ajudam as mulheres a preparar a terra, a construir os viveiros de madeira (TEOFILA).

Segundo Teofila, as mulheres estão mais conscientes das suas realidades, tanto que, nas horas de aperto, elas se unem e resolvem o problema em conjunto.

As debilidades econômicas são muito grandes, pelo fato de não serem empresárias e dos investimentos terem como prioridade a segurança alimentar das famílias.

Quando existem convocatórias, muitas dessas mulheres não têm acesso à internet e não ficam sabendo dos processos, além de não terem expertise na elaboração de projetos.

A Rede precisa estar mais atuante e ativa, por isso, pretendem fazer uma reunião de coordenação para definirem um plano de ação mais concreto e realizável (comunicação social e comunitária), bem como planejam marcar uma assembleia para avaliar os avanços e retrocessos do grupo.

Em virtude de todas as debilidades (financeira, transporte, tecnologia e comunicação), querem seguir em frente e almejam estabelecer uma data fixa para a realização da assembleia – a cada 2 anos – e para as reuniões de coordenação – a cada 6 meses –, pois é imprescindível a periodicidade dos encontros para se reavaliarem, se atualizarem e socializarem seus problemas.

Nesse momento, faz-se necessário um encontro para definir elementos de combate aos conflitos atuais, sejam eles relativos às questões de gênero ou ao conflito armado, pois “quando começamos, não tinha a guerrilha e nós vivíamos, à noite, nos rios, pescando,

cantando, e hoje é impossível. Muitas mulheres morreram por conta dessas questões ou tiveram que deixar seu território” (Teofila). Desejam enfrentar esse problema, de forma não armada, com sugestões políticas de negociação, resolução e melhoria desse estado de insegurança. E acreditam que a união faz com que se chegue a conclusões de enfrentamento e solução.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Observa-se, na experiência associativa, uma unanimidade na importância e protagonismo relacionado ao empoderamento e ressignificação identitária das mulheres associadas, seja relativa às questões socioeconômicas ou familiares.

Verifica-se que todas as experiências associativas estão relacionadas a atividades tradicionais, reforçando a importância do resgate e manutenção da cultura local, garantindo um sentimento de pertença ao território que se vive e a fixação do homem nele.

Uma peculiaridade local consiste na formação de pequenos grupos por comunidade e por cadeia produtiva, o que proporciona uma melhor gestão das necessidades da associação e das associadas, bem como facilita o intercâmbio com a Rede de Mulheres e outras entidades.

Observa-se que, nos processos coletivos, a unidade de propósitos é condição necessária para impulsionar e fortalecer os grupos de interesses.

Analisando as três experiências, percebe-se debilidades que impossibilitam o desenvolvimento contínuo e adequado dos empreendimentos, tais como: a questão financeira e o transporte; este último, pode-se afirmar, é o grande vilão de expansão dos processos locais.

Os empreendimentos associativos são caracterizados por sua força de participação política local e tornaram-se mecanismos de progressão e reivindicação de direitos e, por estarem envolvidos em interesses afins, podem atuar conjuntamente, o que diminuiria as dificuldades decorrentes dos problemas financeiros.

Outro ponto importante que pode garantir a segurança alimentar e a evasão dos produtos que cada entidade apoia, seria criar um plano de trocas produtivas, visto que todas as atividades estão diretamente ligadas às necessidades dos associados, promovendo, assim, uma estrutura de retroalimentação dos frutos da produção.

A cidade de Guapi tem um grande potencial para se trabalhar com consumo responsável e as entidades associativas podem criar uma fidelização com os comerciantes locais, os quais assumirão o compromisso de vender produtos adquiridos dos empreendimentos associativos, relacionados à agricultura familiar e à pesca artesanal.

O hemisfério guapirenho é um espaço promissor para implantação e execução de empreendimentos de economia solidária, tornando-se uma porta aberta para uma nova forma de desenvolvimento, que garanta a sustentabilidade, a partir da valorização dos

pequenos produtores locais. E, nesse processo, todos ganham, porque a economia da cidade se fortalece, garantindo espaço para trabalho e renda.

Sobre cada um

A Fundação Chiyangua tem um componente produtivo muito importante que são as plantas medicinais, as quais podem minimizar as dificuldades de acesso à saúde no município de Guapi pelo uso de fitoterápicos ou medicina natural, principalmente, em benefício das comunidades distantes. Isso se faz necessário, porque, em visita às comunidades, foi dito que os camponeses se afastaram da medicina natural em aderência à medicina alopática, que nem sempre está acessível à população local.

A Coopmujeres deveria intensificar o processo de aproximação entre as comunidades indígenas e os afrodescendentes, pois, em conversa com o líder da aldeia Eperaara – Siapidaara, Luis Ferney Mejia, este afirmou não ser fácil a convivência entre as duas etnias, o que dificulta, inclusive, o processo de integração produtiva.

Outra questão que a cooperativa pode trabalhar é o estudo de direitos das mulheres com a participação dos homens, pois, em visita à comunidade Chanzara, foi dito que um empecilho para a igualdade de gênero é pensar que a instrução, isolada, das mulheres é a solução, pois não adianta a mulher se apoderar dos seus direitos se, ao retornar a seu lar, terá que enfrentar o seu homem, ignorante das questões de gênero. Essa conclusão é tão verdadeira que nessa mesma reunião um homem levantou-se e disse ser perigosa a instrução de direitos para as mulheres, porque muitas delas, quando se instruem, se tornam libertinas.

A Rede Matamba e Guasan tem um papel fundamental no desenvolvimento territorial e empoderamento das mulheres. A Rede, por não ser uma associação de fins específicos, pois seus objetivos giram no universo feminino como um todo (trabalho e renda, político, social, familiar e territorial), deve se firmar como o componente de encontro de todas as cadeias produtivas locais executadas por mulheres.

Para esse fim, é fundamental que haja um aparelhamento financeiro e técnico da Rede, para que ela, de fato, possa funcionar e intervir nos interesses das mulheres. É urgente que a Rede estabeleça reuniões periódicas, sejam elas de coordenação ou de participação das beneficiárias, para avançar nos interesses gerais, visto que existem muitos pontos de convergência entre os empreendimentos associativos apresentados que dizem respeito aos pequenos grupos constituídos nas comunidades e os que estão brotando.

Uma questão, também, importante é a criação de mecanismos de comunicação eficiente para que as ações e investidas da Rede sejam socializadas com todas as mulheres da cidade ou das comunidades.

Por fim, é necessário que todas as associações criem espaços de discussão da cultura afrodescendente, pois, em muitas comunidades visitadas, foi dito pelas camponesas que muitas dessas tradições estão se perdendo e, por esta razão, os mais jovens não estão sendo

formados com base na cultura ancestral.

É visível, em toda a região, o gosto pela música, dança folclórica, culinária e por algumas manifestações simbólicas de trato africano, como nos rituais fúnebres. No entanto, as escolas não possuem um programa de formação em ancestralidade e africanidades, pois muitas delas são religiosas e seguem o padrão católico de ensino e, nas comunidades, as professoras mantêm-se no modelo tradicional, que tem, em sua essência, um modelo estabelecido pelo colonizador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por vinte dias em visita ao município de Guapi, foi constatado ser esta uma região rica em biodiversidade e com um potencial agrícola e pesqueiro promissor, que favorece a segurança alimentar da população e impulsiona o desenvolvimento territorial.

Percebe-se que os frutos agrícolas e pesqueiros podem ser aproveitados, desde a cadeia alimentar até a confecção de produtos derivados, como remédios, artesanatos, doces, móveis, utensílios domésticos, instrumentos musicais, dentre outros, o que amplia o leque de beneficiários locais e externos dos produtos do município.

Em Guapi, a mulher tem uma força de coesão, agregação e participação política muito forte, seja nas associações ou em suas comunidades. E muitas delas são as responsáveis pelo plantio, cultivo e venda dos produtos agrícolas e do pescado, bem como por suas transformações, seja na culinária ou no artesanato. Na feira de Guapi, por toda a rua, o que mais se vê são mulheres sentadas nas calçadas vendendo peixes, mariscos, plantas, verduras, dentre outros.

Verifica-se ainda que, em todos os espaços visitados e nos resultados obtidos, a pesquisadora sentiu uma vontade coletiva de progredir, de melhorar as condições de vida; uma sede de conhecimentos de direitos e aprendizado das técnicas agrícolas e pesqueiras, bem como uma solidariedade latente, pois verificou-se um sentimento forte em prol da preservação das tradições, seja por meio do trabalho ou por meio das relações afetivas e emocionais.

Encerra-se este artigo com resultados positivos da investigação e com uma certeza de que é nos espaços coletivos e de solidariedade que as transformações sociais, políticas e econômicas acontecem, como conclui o estudo de caso do Instituto Alexander Von Humboldt em 2003:

Es necesario repensar la historia del pueblo negro recordando que venimos de pueblos libres, traídos como esclavos a este espacio que hicimos nuestro y en donde reconstruimos nuestras comunidades aprendiendo y compenetrándonos con el medio natural que nos acogió y del cual obtenemos nuestro sustento; nos amoldamos a la lógica de los tiempos de lluvia y de sol, a ajustar nuestro conocimiento ancestral de acuerdo con el comportamiento de la luna en sus diferentes fases; a despertar el sentido de la vista y del olfato para saber donde y cuándo se mueve un animal, un pez, para la caza y la pesca. Ajustamos nuestras vidas a la vaciante para salir a pescar y regresar en la marea llena, con frutos del mar. La montaña nos brindó su espesura y en médio de ella nos dió las espe-

cies necesarias con que construir nuestras casas. Hicimos de la agricultura un camino de conocimiento. En los huertos cultivamos plátanos, nuestro alimento ancestral. En las zoteas y basbacoas están los aliños y las plantas medicinales. Hemos sacado por voluntad ajena y propia de las entrañas de esta tierra, el oro, el plantino con el duro trabajo de la batea o el canalón. Hemos subido y transformado esta tierra, nuestra tierra del Pacífico colombiano (p. 35-36, v. 1)

NOTAS

- 1 Submetido em: 10 maio 2014. Aceito para publicação em: 16 out. 2014.
- 2 Uma prática de aprendizagem por imersão em territórios localizados, que prevê a integração de estudantes em ações, projetos e programas institucionalizados por organizações e interorganizações orientadas ao desenvolvimento. Esta integração dá-se com os atores sociais envolvidos e com o local de referência, que por ser mais próximo ou mais distante, desde espaços escolares microlocais a internacionais. É um construto que compreende dois significados complementares: o residir, isto é, permanecer, criar raízes e redes, identidades e memórias, e o social, traduzido em interações de múltiplas naturezas e complexidades (FISCHER, 2014, p. 159).
- 3 A plantação de *azoteas* é aquela desenvolvida em caixas de madeiras suspensas.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Komi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- FISCHER, Tânia. Residência Social. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas. **Dicionário para a formação em Gestão Social**. Salvador: Editora CIAGS, 2014, p. 159-160.
- FUNDACION ACUA. Disponível em: <<http://www.programaacua.org>>. Acesso em: 22 maio 2013.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- MINISTERIO TRABAJO REPUBLICA DE COLOMBIA. **Perfil Productivo Municipio Guapi**: Insumo para el diseño de las estrategias y alternativas para la generacion de empleo a las víctimas de la violencia. 2013, p. 130.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- Tabares, Elizabeth, “Dinámica del poblamiento de la Costa Pacífica y Gu

apí: Una revisión bibliográfica sobre informaciones etnohistóricas”, en **Antropacífico** , Vol. 3 No. 1-2 (2005), Universidad de Cauca, Popayán . p. 51-64.

INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE RECURSOS BIOLÓGICOS ALEXANDER VON HUMBOLDT. **Conocimiento ancestral y biodiversidad**. Materiales de trabajo para organizaciones y comunidades negras, 2006.

**Valéria
Marques
Tavares de
Menezes
Ettinger**

Graduação em Direito pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em Processo Cível pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social - CIAGS/UFBA. Assessora (cargo privativo de bacharel em Direito) no Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, Membro do Serviço de Referência dos Direitos da Mulher - SER Mulher (UESC), Colaboradora do Portal REDIREITO - Revisando Direitos: Justiça em Gênero, Relações Étnico-Raciais, Geracionais e Sustentabilidade